



O funeral do sr. dr. Sidonio Paes. A urna, ao ser colocada no armão pelos officiaes revolucionarios de 5 de dezembro, que a haviam transportado da câmara ardente, armada nos 3 Paços do Concelho. Ao lado vêem-se as creancinhas vestidas de anjo, por iniciativa do sr. Eduardo O'Neill Baptista, sendo uma d'eleias vestida pela *Situação* e outra pelo *Tempo*. — (Cliché A. Franco).

II SERIE—N.º 671

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1800 ctv.
Semestre, 3375 ctv.—Ano, 7350 ctv.

Numero avulso, 15 centavos

Numero avulso em todo o Brazil, 700 rs.

Ilustração Portuguesa
Edição semanal do jornal
O SEculo

Lisboa, 30 de Dezembro de 1918

Director—J. J. da Silva Graça
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.
Editor—José de Joubert Chaves
Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 4, 45—LISBOA

Ao leitor: Depois de lida a "Ilustração Portuguesa", envia-a á Junta Patriótica do Norte (Paços do Concelho—Porto) para esta a fazer chegar aos nossos soldados do "front"



A delicada pele das senhoras

resente-se muito com o vento, com o sol ou com as mudanças de clima

MAS O

“CRÉME DE ROSAS”

QUE É UM MARAVILHOSO PRODUTO DE BELEZA

desde que seja usado todos os dias, preservas-ha d'esse mal, conservar-lhes-ha a pele clara, viçosa, macia, livre de manchas, de asperesas, queimaduras do sol, cieiro, etc.

Como não contém nenhuma especie de gordura, é o unico que não tem o perigo de favorecer o desenvolvimento dos pelos do rosto.

Cada boião 550 réis.

PERFUMARIA DA MODA - 5, Rua do Carmo, 7 - A' venda em Lisboa, Porto e provincias.

KALIODE BRAZÃO

SIFILIS -- LYMFATISMO
NÃO PRODUZ IODISMO

Farmacia Internacional de Lisboa

228, R. do Ouro, 230
(FRENTE AO MONTE-PIO GERAL)

Inglez POR CORRESPONDENCIA

Estudo em casa. — Metodo novo.

— Lições de ensaio gratuitas. —

Pedir prospectos a **P. JULIO FERREIRA**

C Cabral - PORTO

Colares “Viuva Gomes”

— A MAIS VELHA MARCA DE VINHOS DE COLARES

Unica premiada com “GRAND PRIX”

SUCURSAL EM LISBOA:

Rua Nova da Trindade, 90

Telefone 1644

SEDE

Colares-Almoçageme

Academia Cientifica de Beleza

AVENIDA DA LIBERDADE, 23

LISBOA Telefone: 3641

Directora: Madame CAMPOS. Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra, Diplomada com frequencia em massagem MEDICA, ESTETICA, PEDICURE, MANICURE, e tintura dos cabelos, pela Escola Francaza de Paris, d'Ortopedia e Massagem. Ex-massagista assistente do Hotel Dieu de Paris. Antiga professora diplomada inscripta e premiada em diferentes cadeiras. Quimica - perfumista socia efetiva de diferentes Sociedades scientificas, etc.



Tratamento pelos diferentes processos de maço-terapia, electroterapia e mecano-terapia. **MACAGEM MEDICA E ESTETICA. CURA DA OBESIDADE:** redução parcial da gordura. Tratamento das rugas pela electricidade. Tratamento da pele, manchas, pontos negros, sinais de bexigas, sardas, etc. **Desenvolvimento e enrijamento dos seios.** Processo absolutamente novo. Resultados surpreendentes com tres tratamentos e Informaçoes de senhoras que já fizeram esse tratamento. Para as ex-^{mas} clientes da provincia tratamento especial por correspondencia.

Metodo de evitar que os cabelos embranqueçam. Tintura dos cabelos em todas as cores, com a duração de 2 anos. Lavagem dos cabelos com secagem electrica a 50 centavos. Aparelhos, perfumes e produtos de beleza das melhores casas de Paris. Respostas mediante estampilha.

O funeral do sr. dr. Sidonio Paes

DOS vivos, crêmos que em nenhum ha memoria de se terem deramado tantas lagrimas, de se

ram, muito novas ainda, ao desfilarem do cortejo funebre do monarca e cujas impressões, directamente recebidas, mais vincadas foram pelas apreciações sentidissimas de seus paes, dizem-nos que o aspêto de Lisboa no dia 21, dia do funebre do quarto Presidente da Republica, talvez fosse ainda de uma tristeza mais soblene e de uma concentraçãõ mais dolorosa do que o aspêto apresentado ha 59 anos por occasião do funeral do decimo rei da casa de Bragança.

Só quem percorreu lentamente, parando dezenas de vezes pelo caminho, a distancia de 8 quilometros que vae da Praça do Comercio ao templo dos Jeronimos, dando a volta pelo Rocio, por entre alass compactas de gente de todas as ca-

tegorias; só quem relanceou os olhos por todas essas portas, janelas, telhados, muros, encostas, arvores, por todas as elevaçõs enfim, d'onde se podia abbranger o cortejo, é que não achará exagerado quanto se diga, quanto se imagine dos muuitos milhares de pessoas que acudiram, de todos os pontos da cidade e do paiz, levadas daa mais viva angustia e veneraçãõ, a dizer o ulltimo e saudo-



Os secretarios, officaes de serviço e amigos intimos do sr. dr. Sidonio Paes saindo com o feretro do edificio da Camara Municipal, onde estivera exposto. A' cabeceira da urna vêem-se, do lado direito da fotografia, de deante para traz, os alferes srs. Ruy da Cunha e Ferreira da Silva, secretarios particulares do falecido chefe do Estado.

have. manifestado uma dôr tão intensa e communicativa na passagem de um morto querido a caminho do eterno repouso.

Passaram ha pouco 59 anos sobre a morte de um dos mais adorados monarcas portugueses, roubado tambem ao paiz, na força da vida e quando ele mais resplandecia pelas suas incomparaveis virtudes de homem e de chefe do Estado e pelo seu acrisolado amor a esta terra tão infeliz. Havia tambem muito a esperar de D. Pedro V; havia tudo. E, comquanto a violencia da sua morte não oferecesse publicamente o espêtaculo horrivel e infame da que vitimou o sr. dr. Sidonio Paes, foi profundissimo o abalo de todo o paiz e enorme o movimento de indignaçãõ e de revolta, que José Estevão classiiicou da «anarquia da dôr protestando contra o despotismo da morte.»

Mas testemunhas sobreviventes, que assisti-



Colocando a urna funeraria, que encerra os despojos do saudioso e grande portuguez no armão que o conduziu ao mosteiro o dos Jeronimos.



1. O contingente de tropas das companhias de Subsistências e de Equipagens, que se incorporaram no presépio fúnebre, ladeando o automóvel que conduzia as corças da Manutenção Militar — 2. O pessoal do Depósito de Material de Guerra, com a corça que foi colocar junto do ataúde, na Câmara Municipal.

síssimo adeus aos tristes despojos d'aquela homem extraordinário, que tanto soubera fazer-se amar e resumia, n'este momento supremo da vida nacional, as nossas melhores esperanças.

Pelas ruas e praças havia o recolhimento religioso de um templo, onde o que é terreno emudece ante a sublimidade dos misteriosa que o espirito se libra. Os mesmos soluços reprimiam-se, como se todos, n'um supremo esforço, se impuzessem a suspensão da vida, enquanto não passasse o cortejo magestoso,

que precedia a urna funeraria. De longe a longe, as notas plangentes e cadenciadas de uma marcha fúnebre ou o estampido do canhão que salvava, de quarto em quarto d' hora, reboando pela casaria a'candorada da cidade, é que cortavam este silencio em que os corações pareciam todos congelados.

O sangrento motim da Rua Augusta, originado certamente n'um estado de tensão morbida dos espiritos, que não precisava mais para explodir do que a pequena falha necessaria á pólvora, marcou, sem duvida,



O automóvel da Manutenção Militar com as corças do pessoal civil, officiaes, sargentos e praças em serviço n'aquela estabelecimento militar.



A saída dos Paços do Concelho:—A numerosa assistência espera que a urna seja colocada sobre o arão para se pôr em marcha.

uma perturbação gravíssima no cortejo, não tardando este muito a reatar-se e a retomar a sua marcha impo-nente. Ao vê-lo perpassar depois, calmo e rigorosamente alinhado, ninguém diria que atrás d'ele ficavam mortos e feridos.

Mais de 5 horas, afóra as duas que se esperou a pé firme, levou essa piedosa jornada do Terreiro do Paço a Belem, sem ninguém fraquejar. Simplesmente admi-



Uma galera do exercito conduzindo corôas de varias unidades militares de Lisboa e da provincia, que tambem se fizeram representar nos funeraes.

rave! o poder do sentimento que emprestava forças a a mulheres, velhos e creanças para vencerem! Se as alajas de gente, por entre as quaes o sequito desliza-va docemente, como um fio ininterminavel de agua por a uma planicie, eram as ombrosas pela quantidade e variedade, não eram menos as corporações e deputações que constituíam. Quando os primeiros, que rompiam a marcha, chegaram aos Jeronimos, os da cauda ha-



Na Praça do Comercio: — Agremiações que tomaram parte no imponentíssimo funeral do sr. dr. Sidonio Paes, aguardando a organização do cortejo funebre.

via pouco que se tinham começado a pôr em movimento!

E não se faz idéa do que tinha de empolgante esse extraordinario conjunto de todas as hierarquias sociaes, nobres e plebeus, ricos e pobres, homens de ciencia e de trabalho humilde, corporações officias e parti-

culares de toda a especie representando, sem faltar uma só, as forças vivas do paiz, dirigentes e dirigidas, todas as patentes do exercito e da armada, soldados e marinheiros, altos vultos politicos e funcionarios publicos, representantes dos governos aliados e não aliados, forças da marinha inglesa, fran-



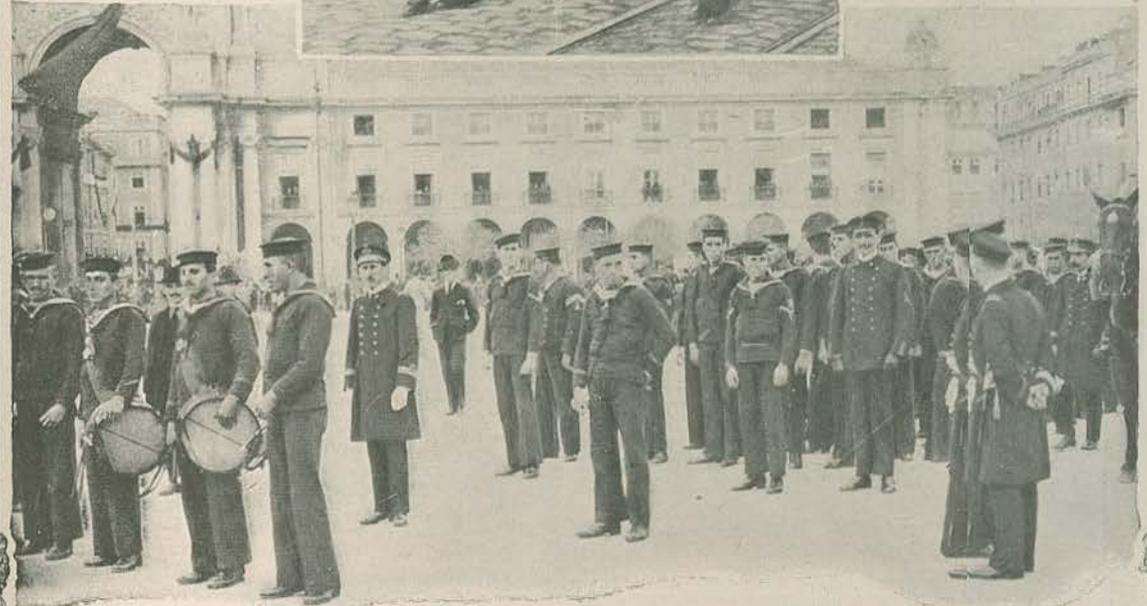
Coche a quatro parelhas, com corôas da freguezia do Socorro, representada pelos srs. Joaquim Aquino Rua, José Augusto d'Oliveira e dr. Raul Cunha, levando as corôas as dedicatorias: Os amigos da ordem da freguesia do Socorro, ao saudoso presidente da Republica Portuguesa, dr. Sidonio Paes. Este coche era seguido por um grupo de indigentes da mesma freguezia, que tambem conduziam uma corôa.



ceza e hespanhola, colonias estrangeiras, uma infinidade indestrinçavel de entidades, tudo n'um prestito verdadeiramente colossal, entrecortado de bandeiras, de estandartes, de inumeras corôas, levadas á mão ou



em carrros, e matisado de uuma profusão inauditaa de flores! Em vvolta do cadaver ddo sr. dr. Sidonio PPAes, a caminho da a eterna jazida, realisava-se de uma forrma estranha o sonho da união da familia portugue-



1. Marinheiros iuglezes marchando imperturbaveis no n'omeito em que na rua Augusta rebentou o mmotim que se estendeu até ao Terreiro do Paço.—2. Os marinheiros iuglezes transportando a corôa oferecida p pela armada britanica.—3. A deputação de marinheiros hespanhcos, desembarcados do cruzador Afonso XIII e que, sob o comando do tenente sr. Francisco Vesques, se incorporou no cortejo funebre.



Uma galera do Corpo de Bombeiros Municipaes de Lisboa, conduzindo um grande número de ramos de flores e de corôas, ofertados por varias coletividades de Lisboa e da provincia, que tambem se fizeram representar no prestito funebre.

za, ao qual ele sacrificou, como o ninguem mais, o seu socego durante um ano inteiro, dia e noite, e, por fim, a sua propria vida.

A' passagem do seu cadaver, cujo rosto se via atravez da cupula de vidro da urna, meio coberta pela bandeira portugueza, ninguem poude conter a dôr. Sobre ele choviam flôres e bençãos; chorava-se alto e resava-se de joelhos.

Já era noite quando os despojos do grande portuguez deram entrada no templo manuelino, recebido pela igreja com um cere-



2. A corôa do pessoal do *Seculo*. Esta linda corôa, composta de violetas, ramagens, 1088s clá, palmes, en ores perfectos, suspiros, lirios e saudades, tem a seguinte dedicatória: *Ao grande portuguez Sidonio Paes. - O pessoal de «O Seculo».* - 3. Um carro de lanceiros 2, conduzindo as corôas dos officaes, sargentos e praças d'este regimento, que tambem se incorporou no prestito funebre.



monial profundamente tocante, com a comovida ternura de quem recebia no regaço o cadáver de um filho amado. E, realmente, o quarto presidente da Republica foi um nobre defensor das crenças do seu paiz, procurando cural-as de uma ferida, cujas consequencias se teem feito sentir bastante.

Quando o patriarca de Lisboa lhe deu a absolvição, cantando-se então o *Libera-me*, não seria difícil a al-



1. Uma deputação de bombeiros voluntarios com corças que ofertaram.—2. A carreta a conduzindo a corça de pessoa, e a instituição dos elasticamentos, que se incorporou, na sua totalidade, no cortejo fúnebre.—3. Um trecho do prestíto, na cauda do qual seguia o armão d' de artilharia que conduzia os despojos do sr. dr. Silvano Paes.



guns espiritos, impressionados pelos acordes dolentes da prece que iam morrer pouco

penumbra, terem a ilusão de que uma fôrma luminosa se desprendia d'aquelle corpo e ele-



a pouco com o fumo do turibulo na abobada monumental, velada de uma misteriosa

vava-se tambem serena ás regiões do desconhecido.

Antonio Maria de Freitas,



1. Grupo de lentes da Universidade de Lisboa e de outras escolas superiores, que tambem tomaram parte nos funeraes.—2 Os alunos de todas as faculdades e a corôa que ofereceram.—3. Outro grupo de lentes.

(Ver continuação a pag. 533).

Os antigos fortes da defeza do Porto e seu termo

A defeza do Porto mereceu sempre aos occupadores do antigo burgo os mais sollicitos cuidados, do que são testemunho os restos de antigas muralhas das cercas sueva e D. Fernando e mais modernamente os fortes que o cercam.

Da fortaleza da Serra do Pilar já a *Ilustração* se occupou; restam os do litoral, cujos mais proximos do Porto são o da Barra de Aveiro, o da Foz do Douro, o do Queijo, o de Leça, o de Vila do Conde e o da Povia de Varzim.

D'estes, os que diretamente interessavam a defeza do Porto, são o da Foz, o do Queijo e o de Leça.

Como em tudo que respeita a antiguidades no nosso paiz, é falha de documentos a existencia de todos estes fortes ou castelos, dos quaes apenas se encontram umas leves referencias em um cu outro officio do antigo arquivo da Camara.

O *Castelo do Queijo*, — oficialmente denominado em remotas eras Castelo de S. Francisco Xavier do Queijo, deve ter sido construido aí por 1642, ou reconstruido, a ajuizar por uns officios existentes no arquivo da camara e que se referem ás obras de fortificação da praia.

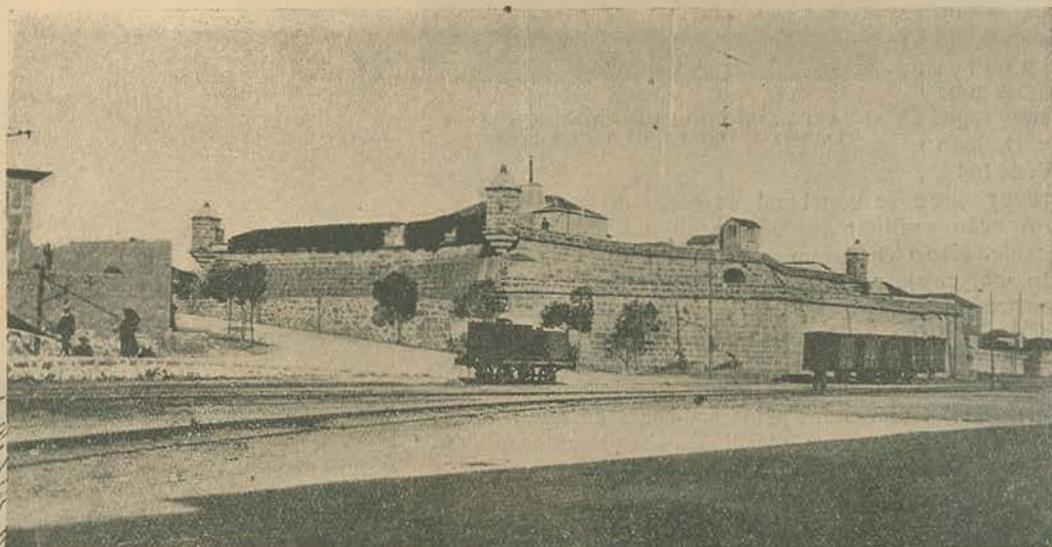
O castelo atual não deve obedecer á arquitetura do mandado construir por D. João



O CASTELO DO QUEIJO. — O revelim do bastião do lado sul e as ruínas do fosso.

IV, pois a construção aproxima-se do tipo Vauban, que em 1640 tinha apenas sete anos de idade.

Com o de Leça—Castelo de NNossa Senhora das Neves de Leça da Palmeira—o mesmo succede, e esse diz Sousa e Reis que foi



Vista geral do castelo de Leça

construído sobre as ruínas de um outro que no local existira, destinado á defeza da embocadura da Leça dos desembarques dos piratas venezianos, turcos e cretenses, que não raro apareciam na costa de Portugal.



O CASTELO DE LEÇA. — A explanada superior. Vê-se ainda um revelim da explanada inferior.

Miguel, tendo de cada vez que mudava de ocupação, os parapeitos e canhoneiras desmanteladas, tendo começado porser bombardeado pela esquadra liberal quando preparava o desembarque dos 7:500 bravos.

Quando da revolta do Minho, foi ocupado pelas tropas da junta do Porto e n'essa ocasião bombardeado pela fragata *Iris*, que lhe destruiu os revelins do lado do mar.

O forte de Leça é hoje ocupado pela capitania de Leixões; o do Queijo, inteiramente abandonado, dorme no esquecimento, embalado pela orquestra das vagas que de quando em vez vem beijar-lhe os denegridos muros, o seu sono de pedra, onde ainda ha o honroso vestigio das cicatrizes dos pelouros inimigos, á espera de acabar nas classicas ruínas do nosso classico desleixo por tudo quanto represente alguma coisa do nosso passado, a sua efemera existencia militar.

HUMBERTO BEÇA.

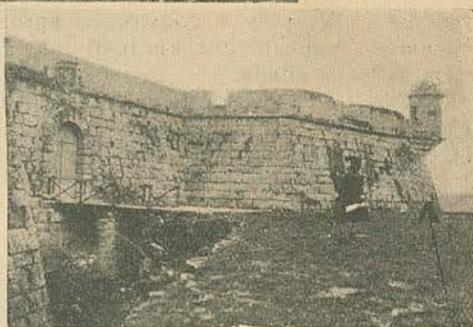


A explanada inferior do castelo de Leça.

A sua construção primitiva parece ser mais antiga que a do Castelo do Queijo, pois uma carta regia de D. João IV, de 1642, ordena que se concluem as obras do castelo.

A ação militar dos dois pequenos fortes é insignificante. Não chegaram a entrar na guerra da restauração, por cuja razão o duque de Bragança os mandou construir, para pôr o Porto e o norte do paiz ao abrigo de um golpe de mão da esquadra hespanhola, fundeada em Vigo, que podia efetuar um desembarque n'estas paragens, para operar de acordo com as tropas da Galiza. Ocupados pelos francezes de Soult, foram pelas respetivas guarnições abandonados quando o exercito anglo-luzo investiu o Porto.

Nas campanhas da Liberdade o de Leça não desempenhou papel algum, sendo o Castelo do Queijo ocupado com alternativas ora pelas tropas de D. Pedro, ora pelas de D.



O CASTELO DO QUEIJO. — A entrada do castelo, a ponte leva lixa e o bastião do norte.



O semaforo do castelo de Leça. Em baixo vê-se a porta do tunel de comunicação do pátio interior para a explanada inferior. («Clichés» do autor).



1. Sr. J. R. Mucharreira, proprietario em Freixofera, onde faleceu.—2. Sr. M. C. da Costa, farmacêutico, falecido em Azambuja, onde era administrador do concelho.—3. Sr.^a D. Adília A. da Costa, esposa do administrador da Azambuja, também ali falecida.—4. Sr.^a D. Joaquina R. Olloeira, falecida em Saboia.—5. Menina Beria Azevedo, falecida em Loures.—6. Sr. José Moreira, sargento miliciano, falecido n'esta cidade.—7. Sr. Francisco Carvalho, inspetor do círculo escolar de Tavira, onde faleceu.—8. Sr. Diamantino Go-



mes, falecido em Celorico de Basto. O extinto era irmão do conceituado agente do Seculo n'aquella villa, a quem a Illustração Portuguesa apresentava sentidos pesames.—9. Sr. Henrique A. S. Valente, 2.^o sargento, falecido na Guiné. O extinto foi empregado no Seculo. Era filho do sr. Jaime Valente, redator do Seculo, a quem a Illustração Portuguesa endereça sentidos pesames.—10. Sr. Armando R. Vitor Batalha, empregado na Companhia Portuguesa de Fosforos, recentemente falecido e em Lisboa.

12. Sr. Joaquim Pereira da Silva, autor da espirituosa comedia DAS setas de Cupido, representada com grande successo n'uma recita de caridade efetuada no Porto.—13. Sr. Fernando e Caetano Pereira, autor do livro de versos No caso da lua, ao qual a critica já se referiu encarecendo os meritos do nobel e inspirado poeta.



12. Sr. Joaquim Pereira da Silva, autor da espirituosa comedia DAS setas de Cupido, representada com grande successo n'uma recita de caridade efetuada no Porto.—13. Sr. Fernando e Caetano Pereira, autor do livro de versos No caso da lua, ao qual a critica já se referiu encarecendo os meritos do nobel e inspirado poeta.



NA RÉGUA:—11. Alguns concidados do «pic-nic» realisado no elegante jardim do sr. Julio Villela, distinto colaborador-literario da Illustração Portuguesa.—12. Outro grupo de convidados. Depois do «pic-nic» oferecido pelo sr. Julio Villela (+), que esteve muito concorrido.—(Cliches do colaborador artistico d'esse magazine, sr. Antonio Teixeira, da Régua).



A capela de Santo Antonio, em Ribeirão, de que é proprietário o sr. Alexandre Ferreira Lopes, onde ele acolhe sollicitamente o grande numero de indigentes protegidos pela instituição «O Pão de Santo Antonio», da sua iniciativa



O sr. Alexandre Ferreira Lopes, dissolado protetor da pobreza de Vila do Ribeirão, que tambem lhe deve importantes melhoramentos e consideraveis beneficos.

Adelina Abranches.—Esta insigne atriz, cuja carreira artistica tem sido cheia de ovações pela criação das mais variadas personagens, acaba de obter mais um triunfo na peça *Abel e Caím*, em cena atualmente no teatro Nacional. Causa verdadeiro assombro como a genial artista faz viver a megera que deita cartas e intriga para chegar aos seus fins, papel que se tornaria talvez apagado se ela o não representasse.

Adelina não é só a grande atriz que sabe emocionar uma plateia, representando com a mais dura verdade, dizendo de uma



A distinta atriz Adelina Abranches, na bruxa da peça *Abel e Caím*.

maneira corretissima os seus papeis, descobrindo até n'elles minudencias de detalhe que muitas vezes escapam aos proprios autores das peças; até nas caracterisações ella é rigorosa, apresentando-nos, como agora, um perfeito tipo de mulher de virtude, asquerosa e repugnante, como esta fotografia a representa.

Que contraste tão severo com aquella doce Rosa, a mãe do treloucado pintor que Santiago Rusiñol idealizou e que tão justificados aplausos tem merecido a Adelina Abranches em quasi todos os principaes theatros de Portugal!



Alguns dos convidados e a comissão que promoveu um «pic-nic» nas furnas da Tijuca (Rio de Janeiro), comemorando a sanção da lei do descanso semanal aos empregados no commercio de fumo. Da esquerda para a direita, os srs.: A. Pareia, T. Goulart, J. Vinhal, J. Pires, A. Pinho, J. Guimarães, J. Dias, M. Ramalheira, J. d'Almeida e A. Costa.—2. Os membros da Diretoria da «União Sportiva Portuguesa» de Manaus, em 1917-18. Da esquerda para a direita, sentados, os srs.: J. Pascoa, tesoureiro; C. Dias, 1.º secretario; J. Andresen, presidente; A. Carvalho, vice-presidente, e M. Soares, 2.º secretario. De pé, srs.: J. d'Oliveira e M. Marques, directores; F. Xavier, bibliotecario; J. d'Oliveira, bibliotecario-adjunto; A. Costa, J. Conde, A. Leal, A. Gavinho e J. Silva, directores.



Pessoal da Casa da Moeda com a sua corôa, a caminho da Camara Municipal, onde foi depositada junto da urna funeraria.



Na gare do Rocio: — O local onde foi cobardemente ferido o sr. dr. Sidonio Paes, coberto de flores e de arbustos, vendo-se a corôa dos ferro-viarios em serviço n'aquela estação.



O capitão Crampton, chefe do estado-maaior do comandante da esquadra ingleza que se encontra em Gibraltar e sob cujas ordens estiveram os 18 cruzadores e caça-minas d'aquela nacionalidade, q'xe vieram tomar parte nos funeraes do falecido Presidente da Republica, como representantes da Gran-B-Bretanha.

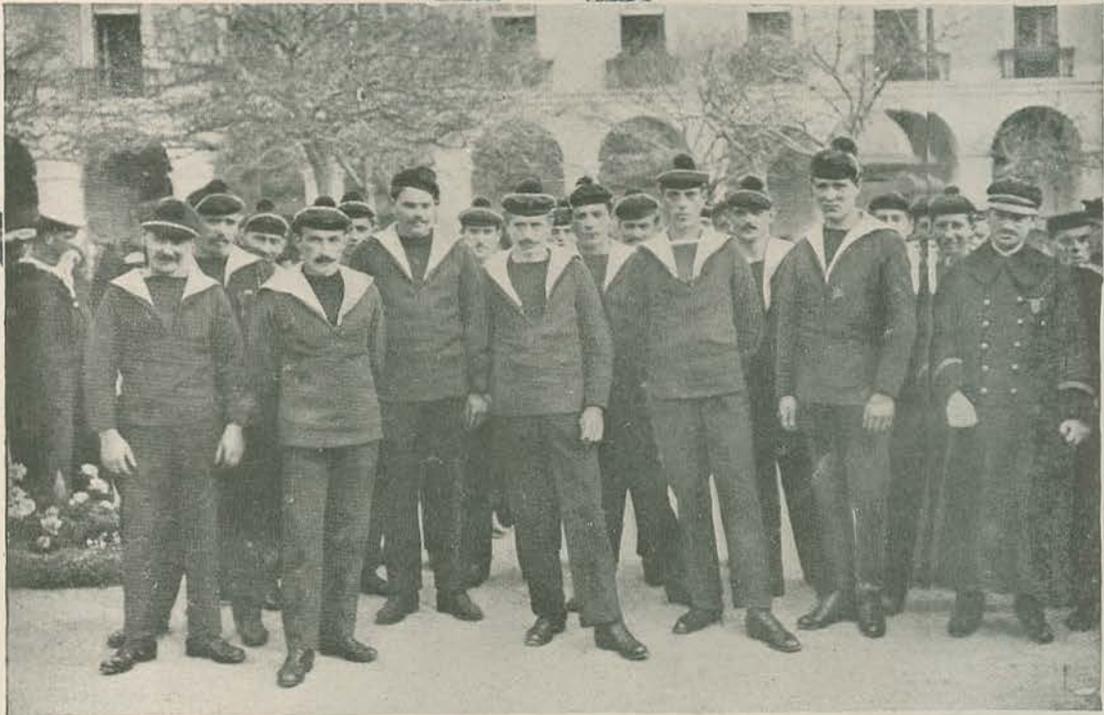
A' sua direita, o oficial que servia de immediato.



Carreta com a corôa do pessoal da Secretaria d'Estado dos Abastecimentos, no largo Trindade Coelho, momentos antes de se ir encorporar no cortejo funebre.



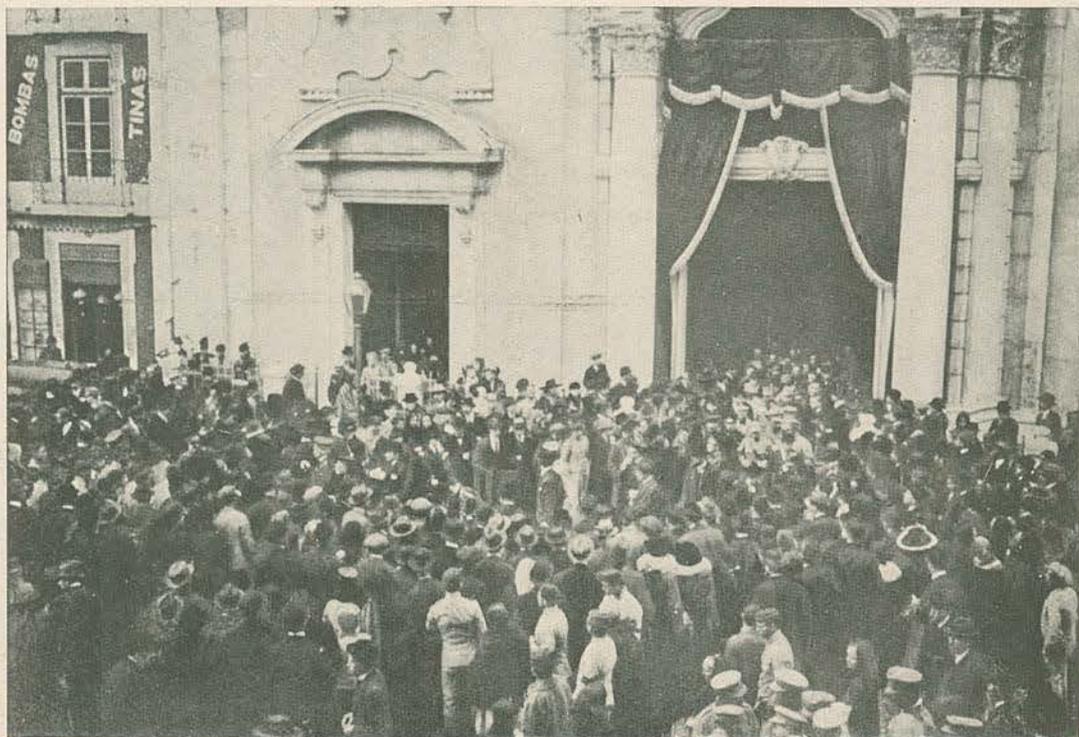
Um aspéto da Praça do Comercio quando se organisava o cortejo



O grupo de marinheiros francezes comandados pelo tenente M. Versheck (no primeiro piano, o, á direita da fotografia) que se incorporou no cortejo.
(Cliché Bertrand)



Em frente do mosteiro dos Jeronimos:—A numerosa multidão entrando no templo afim de se desfilarem ante o catafalco onde se encontrava em exposição a urna que encerrava os restos mortaeses do sr. dr. Sidonio Paes.



Na igreja de S. Domingos:—A assistencia ás exequias mandadas celebrar solenemente pelos alunos da Escola de Guerra, sufragando a alma do falecido comandante em chefe das forças de terra e mar, saindo do vasto templo, que se achava repleto.



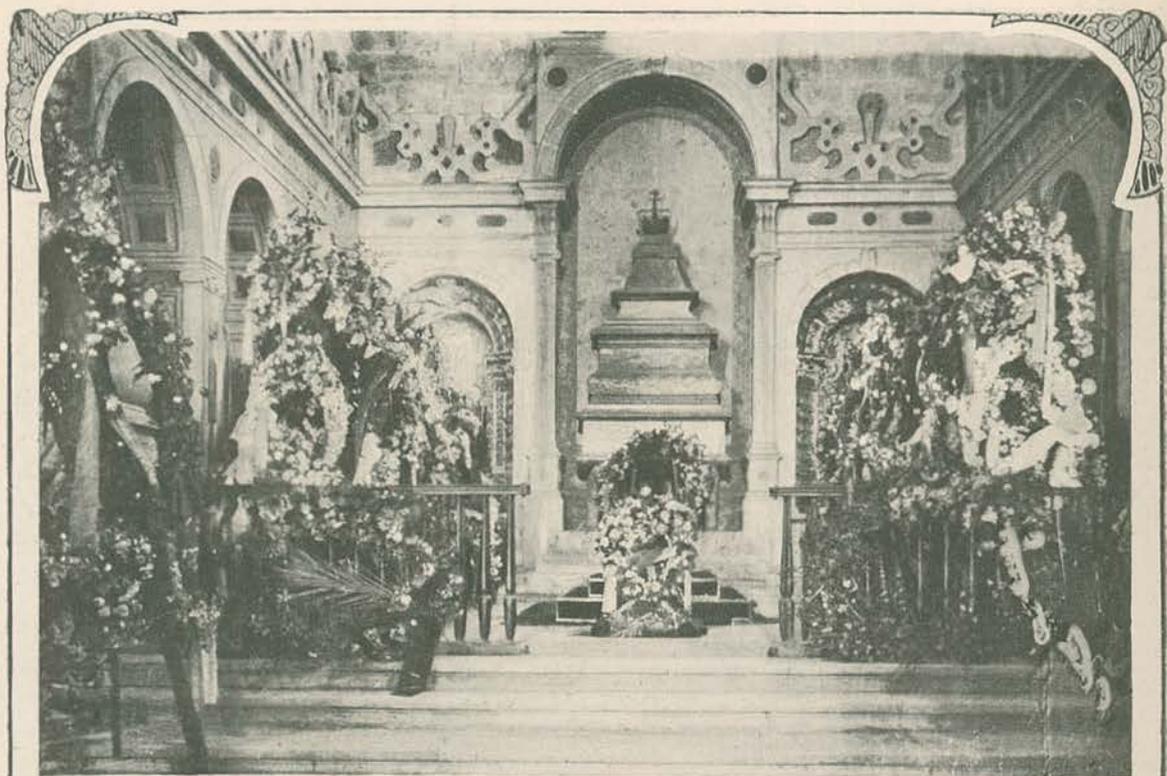
O sr. arcebispo de Mitilene á saída da igreja de S. Domingos, depois de haver presidido aos officios divinos, que se realisaram com extraordinaria imponencia e a que assistiram tambem, além de grande numero de officiaes de terra e mar, o corpo diplomatico, os membros do governo, o representante do sr. presidente da Republica e outros altos funcionarios.



Nos Paços do Concelho:— A multidão, comprimindo-se junto da primeira porta da direita—a saída a era feita pela última porta da esquerda—aguarda o ingresso no edifício afim de desfilarem perante os despojos do ilustre Presidente da Republica.



Na rua do Arsenal, junto à Camara Municipal:—Um aspeto da interminavel fila de povo, que se pretendia ver os restos mortaes do extinto Chefe de Estado.



Nos Jeronimos: — A capela onde vae ser depositado o cadaver do sr. dr. Sidonio Paes, vendo-se ao centro o catafalco e dos lados os altares cobertos de flores e corôas.



No templo dos Jeronimos:—O catafalco, completamente coberto por corôas, sobre o qual se encontra a urna do extinto Chefe do Estado. A' cabeceira está colocada a corôa do presidente Wilson e nos pés as da mãe, esposa, filhos e mais parentes do saudoso finado. Nas faces lateraes do catafalco encontram-se as corôas do presidente e governo da Republica Francaza, do rei de Hespanha e do corpo diplomatico.

(Clichés Franco).

O presidente Wilson em França



Chegada do presidente Wilson a Paris: O presidente da Republica Norte Americana, que conduz pelo braço Madame Poincaré, na gare do Bosque de Bolonha, onde acabava de chegar, agradecendo as manifestações entusiasticas que lhe são dispensadas. No plano anterior vê-se Mr. Poincaré, dando o braço a Mrs. S. Wilson.

PARIS engalanou-se soberbamente para receber o insigne presidente dos Estados Unidos da America do Norte, com o brilhantismo digno de tão prestigiosa individualidade.

O acolhimento unanimemente feito pelo povo parisiense ao grande chefe de Estado, que já em Brest — onde primeiramente pizara a terra franceza — fôra alvo de extraordinarias aclamações, foi devêras enternecedor.

Calcula-se em cerca de dois milhões o numero dos manifestantes que na capital da França assistiram á passagem do cortejo official que, da gare do Bosque de Bolonha ao palacio Murat — onde se alojou o

presidente Wilson com o seu sequito — constituiu um desfile imponentissimo.

E' indescritivel o entusiasmo de que foi tomada aquela enormissima massa popular que, mal avistou o primeiro magistrado da Livre America, em brados unisonos, vibrantes e sucessivos,



Mrs. Wilson na carruagem que a conduziu ao palacio Murat, acompanhada de Madame Poincaré, quasi totalmente coberta de flores. — (Clichés Basanger).

d'uma cadencia a um tempo empolgante e comovedora, vitoriou o grande e amigo da França que declarou não olvidar mais a inegalavel homenagem prodigalisada pelo povo francez, que e o estima e considera como libertador r da opressão germanica.

PAES E MÃES

Casamentos vantajosos

Conseguirão todas as pessoas de ambos os sexos que desejem. Nesta instituição se encontram inscritas senhoras, senhoritas e cavalheiros de todas as camadas sociais e com fortuna de 5 a 500 contos. Atualmente, entre outras, citaremos menina uruguaiana, orfã independente, descendente de brasileiros, elegante e instruída, dotada com 100 contos. Esta instituição tem realizado importantes casamentos e outros muitos que já estão em relações diretas. Os pretendentes podem dirigir-se franqueando resposta à Matrimonial Club of New-York, no PORTO. Responde-se a todas as cartas e guarda-se absoluta reserva.

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS
(Do Seculo)

Preço, 3 centavos

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações	300.000\$00
Obrigações	25.910\$00
Fundos de reserva e amortização	266.400\$00
Escudos	850.314\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianina e Sobreirinho (Tomar), Feneo e Casal de Hermio (Louza) Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusivo das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos LISBOA, 270, rua da Princesa, 270. PORTO, 49, rua de Passos Manoel, 51. — Enderço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado — N.º telef. Lisboa 905, Porto, 117

O Seu Alliado

Os que permanecem na vida civil encontrarão um aliado efficiente na

Penna-tinteiro de

Conklin's

Enche-se por si
Nunca Vasa

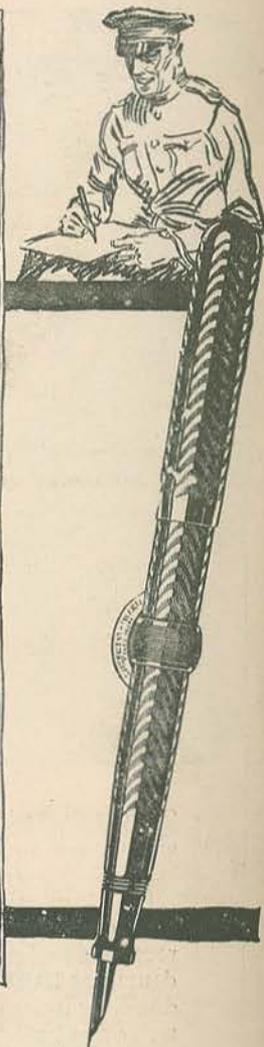
Aquelles de nós que "ficam atrás" sentem-se especialmente com o desejo de se tornar o mais efficiente possível — mais bem aparelhados para tomar a sua parte. A penna-tinteiro de Conklin, sempre prompta para escrever, é um dos meios para obter este successo. Do mesmo modo que os soldados e marinheiros acham mais efficiente escrever com uma penna-tinteiro, tambem os civis precisam desta penna.

A penna de Conklin nunca vasa, nunca borra, mas escreve com perfeicao e a tinta sabe magnificamente até a ultima gota. Ella enche-se a si propria em qualquer tinteiro em quatro segundos — por meio do 'Crescent Filler.'

Visite hoje o seu calheiro ou livreiro e se apparehe para escrever com satisfação.

As pennas Conklin são offerecidas n'um sortimento muito variado. Esta é uma penna que convem para cada mão — para cada estylo de caligraphia.

Fabricada desde 1898 por
THE CONKLIN PEN MFG. CO.
Toledo, Ohio, U. S. A.



NOVA LIGA
«ALASKA»

Com prisão dobrada
A MAIS COMODA E A MAIS PRATICA
LONHECIDA ATE HOJE
Convença-se da sua indiscutível superioridade experimentando-a.
Exijam sempre esta marca.
DESCONFIEM DAS IMITAÇÕES.
Vendas por atacado

FAU & PALET L.^{DA}
Rua Aurea, 101, 2.º, D. — LISBOA
1elctone 2598 C.

7638

PARA as aves que voão com muita velocidade e que se elevam a grandes alturas precisa-se um cartucho potente e exacto.

Experimente o **Remington UMC**
Marca "ARROW"

Obtiveis por intermedio dos principaes commerciantes de todas as partes — catalogo em viado gratis a quem o solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
Woolworth Bldg. Nova York, E.U. A., de N.

Feitos nos calibres
8, 10, 12, 16, 20
24 e 28.

REMINGTON UMC

Agente em Portugal: G. HEITOR FERREIRA, L. do Camões, 3 — Lisboa

SUPLENTO
HUMORISTICO DE

O SECTULO

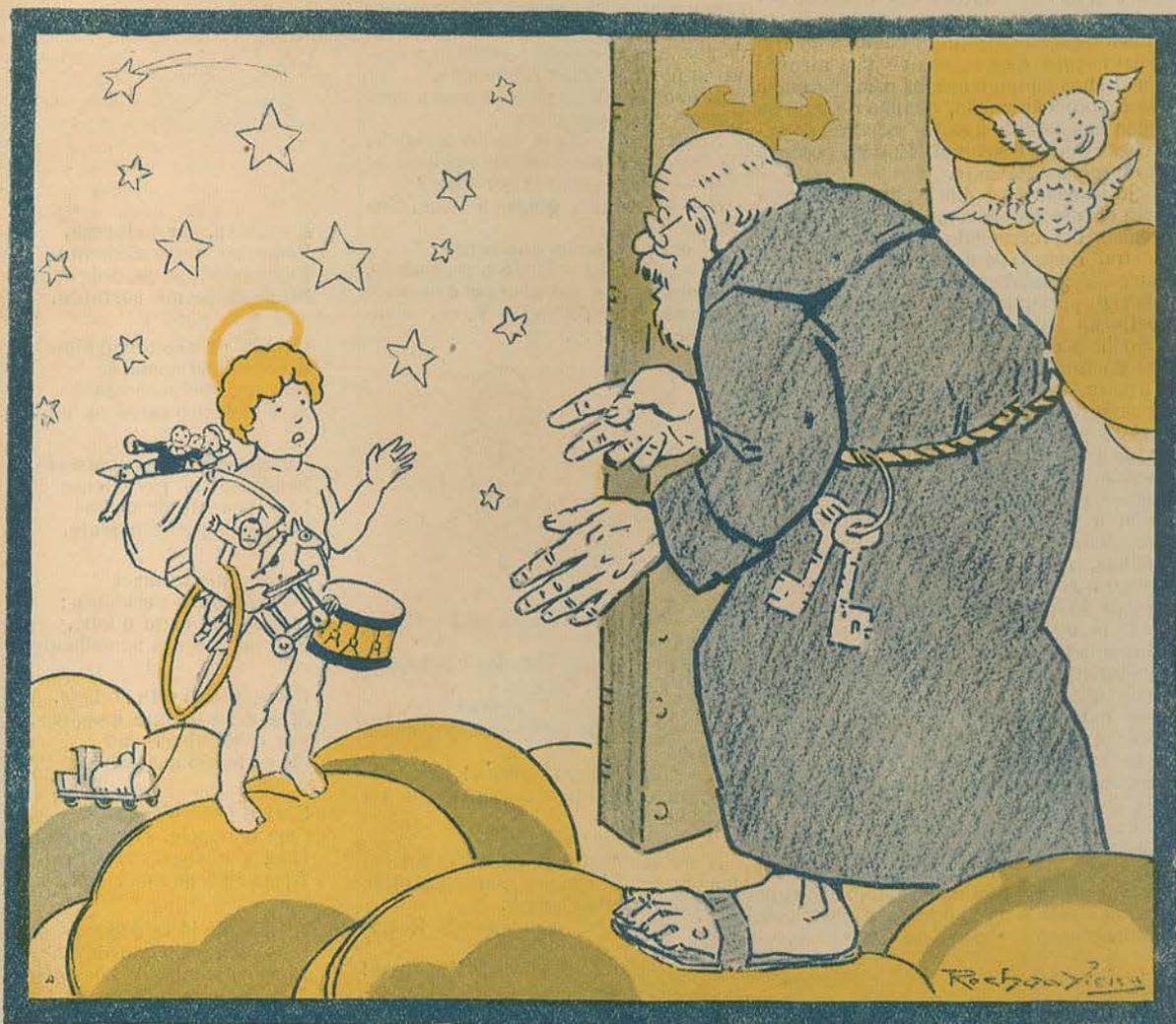
Propriedade de J. DA SILVA GURÇA, Lda.

Director ADACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 42—Lisboa

NO CEU



S. PEDRO

—Então o menino regressa da Terra com os mesmos brinqueddos que levou?

—E' verdade: o calçado está 'por um tal preço que as crianças não tem sapatos para pôr nas lareiras!



PALESTRA AMENA

1918-1919

Tenham a bondade de estender o pé direito e entrar com ele no novo ano, não porque acreditemos em enguiços mas por aquela razão que dava certo filosofo quando se declarava religioso: se não fizer bem, mal também não faz.

E isto porque o ano que passou foi, digamo-lo sem reboço, um d'estes patifes que nunca deviam ter saído da obscuridade dos tempos, embora quasi ao dar a alma a Santanaz o armistício apparecesse a anunciar eras melhores. Foi um facto alegre, sem duvida, mas para nós não compensou as tristezas que semeou durante a sua regencia, nem nos faltando nenhuma das calamidades classicas—a fome, a peste e a guerra, afora outras que é ocioso relatar e que não teem cabimento nesta folha, cujo titulo justifica de sobejo o retraimento que se adivinha a travez das linhas aqui traçadas com apparencia de despreocupação, quando ao bico da pena nos estão a saltar palavras de natureza muito diversa. Emfim, coração ao largo e adeante.

Já sabem: pé direito na frente, mas não apenas para avançar, como talvez tenham depreendido do principio da palestra. Esse pé deve ser lançado com força, desembaraçadamente, com convicção, para arredar obstaculos e impelir no bico da bota tudo o que se oponha a um bom caminhar pela estrada do 1919; e collocando o direito com firmeza, é fazer o mesmo ao esquerdo e seguir a marcha no mesmo passo, não muito apressado, mas sempre seguro, nada parecido com o que trilhou o asperissimo caminho de 1918, que foi um passo vacilante e mal definido, não com a graciosidade do das crianças nem com a simpatica tremura do dos velhos, mas cambaio, desharmonico como o dos aleijados, mais proprio á queda do que ao equilibrio.

E já agora, o que dizemos dos pés diremos também das mãos, não a aconselhar que se ande com elas pelo chão, mas a dizer que devem ser energeticas nos movimentos, denotando boa vontade e regularidade da massa nervosa que lh'os transmite. D'esse modo é possivel que o 1919 marque uma jornada agradável e propicia, tanto quanto o immediatamente anterior a marcou desagradavel e funesta, e que as nossas futuras palestras amenas possam ser travadas em tom menos sibilino do que o que n'esta terão notado, decerto com aprazimento — como se faz mister.

J. Neutral.

Correspondencia

Mil—Mil diabos o levem, seu intrujão! Prometeu muito e afinal dar o que deu ou nada é a mesma coisa. Bolas—para não dizermos coisa peor.

Que irá fazer o sr. Romanones?

Felizmente, a pergunta que ha 15 dias andava de boca em boca e sobresaltava toda a gente — Que irá fazer a Paris o sr. Romanones? — acaba de obter uma resposta. O sr. Romanones participara ao seu paiz, piscando o olho misteriosamente, que ia entrevistar-se na capital franceza com o Presidente dos Estados-Unidos; insinuava até que a iniciativa da conversação tinha partido do mesmo Presidente, pelo que grandes acontecimentos estavam para acontecer.

Logo um fremito de entusiasmo percorreu a Espanha, comunicando-se aos paizes visinhos e não foi Portugal a nação que menos boquiaberta ficou, como sua fiel amiga, antevendo para ela novas grandezas e prosperidades. Pois bem: as espétativas não foram iludidas e eis *ipsis verbis* o que disseeram um ao outro os srs. Romanones e Wilson, segundo o reporter que mandámos a Paris e que escutou a conversa por traz d'um reposteiro.

Wilson — Como passou o meu caro Romanones, passou bem?

Romanones — Bem, muito obrigado.

(Aparte) Tratou-me por «meu caro»!

W — Como estão lá por casa?

R — De saude, graças a Deus. Sua esposa e filhos?

W — Antes assim que peor.

R — (Aparte) — Isto é o preambulo. Agora é que vai abordar o assunto transcendente. (Alto) — V. ex.^a mandou-me chamar...



W — Ah! sim! Como está o tempo lá por Espanha?

R — Frio. E nos Estados-Unidos?

W — Regular. Oiça lá...

R — (Aparte) — E' agora!

W — Sabe que estimei muito conhece-lo?

R — (Radiante) Deveras?! Que honra para o meu paiz o merecer-lhe tal estima!

W — Estimei; sim.—

R — Igualmente. (Aparte) O homem demora-se. E' sempre assim nas altas questões internacionaes.

W — E agora, meu querido Romanones...

R — (Aparte) Querido! Canastros!

W — E agora, desculpe-me, mas tenho muito que fazer. Até outra vez. (Levanta-se).

R — Até mais ver. (Sae).

Foi isto, que para espiritos superficiaes parecerá uma trivialidade, mas que no fundo tem um alcance incalculavel para o equilibrio mundial.

O homem e o lobo

O lobo, farto de ouvir
Tanta injuria por acinte,
Encontrando ha pouco um homem
Falou do modo seguinte:

—«Ora vem cá, meu amigo,
Que de calunias abusas:
Por que razão me censuras.
Por que motivo me acusas?

Por eu matar os carneiros
Que encontro nos matagaeas?
E tu não fazes o mesmo
A diversos animaes?



E mais tu, por natureza,
Podes ter outro alimento,
Emquanto que eu, pobre lobo,
Só de carne me sustento.

Depois, eu não tenho alma
E por minha condição
Não sei, não posso saber,
Se o carneiro sofre ou não.

Tu, homem, pelo contrario,
Sendo animal consciente
O sofrimento da presa
Conheces perfeitamente.

Ainda mais te direi
Por seres tão petulante;
O lobo não mata o lobo,
Não mata o seu semelhante,

Emquanto que tu, ó fera,
Mais fera do que imaginas,
Por cruel aberração
O teu irmão assassinas!

Será a necessidade
Que te impele, como a mim?
Não! Vingança, inveja, raiva,
Apenas porque és ruim!

Agora que já te disse
Bem menos do que devia,
Responde: qual de nós dois
Mais precisa montaria?

Calou-se. Longo silencio
Pairou no monte e no prado
E o homem, de olhos no chão,
Afastou-se, envergonhado.

Belmiro.



A sorte grande

EM FOCO

O Borda d'Agua



O aureo numero diz, e ele relata
Os santos, do primeiro ao fim do ano,
Marca as fases da lua, a, sem engano,
E de qualquer eclipse e a hora exata,

Quando é a sementeira da batata,
O tempo que á colheita causa dano,
Os fluxos e refluxos do oceano,
De equinoxios, solsticios diz a data;

Emfim, é cidadão que na sabença
Excede em muito os sábios da Parvonia,
Não só por esta lista, e, que é imensa,

Mas pela frase, extranhamente idonea,
Que lançou á maneira a de setença,
O velho e lapidar Deusis super omnia!

BELMIRO.

O Anacleto Pinhão era infelicitissimo ao jogo e nem por isso era ditoso nos amores, ao contrario do que afirma o ditado popular. Assim, tendo casado por paixão com D. Emilia Linguareira, esta, justificando o apelido, fazia-o de fel e vinagre, falando pelos cotovelos, não para lhe dizer amabilidades, mas para o descompôr, sob o minimo pretexto.

Ora um desses pretextos era o azar do Pinhão na loteria, apesar de jogar todas as semanas, com o desespero de quem só da sorte pode esperar melhoria de situação.

— Patife! safardana! malandro! exclamava a D. Emilia Linguareira, juntamente com outros vocabulos igualmente desagradaveis, todas as vezes que comprava a lista da Santa Casa e verificava que os decimos e cautelas compradas pelo marido estavam brancos como a neve. Mas para que jogas tu, malvado?...

E seguia-se uma hora, pelo menos, de invectivas, até que o marido, tapando os ouvidos e pondo o chapéu na cabeça, fugia de casa a sete pés, para ao voltar, receber nova e interminavel decompostura.

Imaginar-se-ha que o Anacleto Pinhão acabou por se emendar da sua mania, não é verdade? Pois engana-se quem tal supuzer. Na ultima loteria, na do natal, o nosso homem não se pôde conter e desta vez, pedindo um adeantamento sobre os seus ordenados de modesto funcionario do ministerio das Finanças, comprou um bilhete inteiro, isto é, gastou o melhor de cento e vinte escudos, apesar dos sermões da esposa, que nem de noite o deixava pregar olho, a baladar furiosamente.]



— Mas agora tenho a certeza de que me sae a sorte grande, assegurou o Pinhão, como, afinal, assegurava em todas as loterias.

— Desavergonhado! pulha! pandilha! ladrão! salteador!

Etc., etc., etc.

Andou a roda. D. Emilia chamou um rapaz que vendia a lista, consultou-o e — ó deusa da fortuna! — viu que os duzentos e quarenta contos tinham saído no numero do bilhete do marido!

Sem desprevermos o jubilo insensato da respeitavel senhora, o que seria tarefa impossivel, diremos apenas que preparou ao marido uma estrondosa recepção, tal como aquela dama da celebre comedia de Gervasio Lobato, O commissario de policia, em situação analoga.

Pela 18 horas o Pinhão entrou em

casa, com a lista na algibeira, cabisbaixo e disposto a receber mais uma repremenda, quando subitamente a esposa lhe cae nos braços balbuciando:

— Já sei que... nos saiu a sorte grande!

— Estás enganada, respondeu o Pinhão, corajosamente. Como de costume, tudo branco!

— Estás a trocar comigo, disse D. Emilia.

— Traga aqui a lista.

E o Pinhão mostrou a lista, onde não figurava efétivamente o numero desejado.

D. Emilia foi buscar a que tinha comprado. Era da loteria anterior! O garoto tinha-a enganado miseravelmente.

Então, querendo desparar a catadupa de epitetos injuriosos que lhe acudiram á mente, esboçalho os olhos, abriu a boca — mas nem um som conseguiu articular. A comocão tinha-lhe tirado para sempre o uso da fala!

Anacleto Pinhão jurou nunca mais jogar na loteria e diz á boca cheia aos que lhe estranham a resolução:

— Já não preciso. Saiu-me a sorte grande!

J. Campeão.

Alvitres para uma reforma

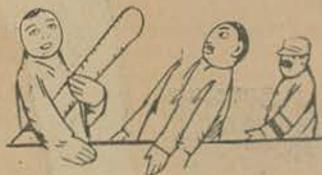
No ultimo numero d'este incomparavel semanario, o nosso Jerolmo de Peras Ruivas protestou contra o imperdoavel esquecimento do seu nome por parte de quem nomeou a comissão para apresentar as bases da reforma do teatro Nacional. Que o homem tem carradas de razão é facto incontestavel, como se prova pelos alvitres que nos apresentou e que, a serem segui-

dos, resolveriam evidentemente o problema de bem servir a arte dramatica e de chamar numerosa concorrencia ao dito teatro.

Eles aí vão:

1.º—Substituir a actual companhia do Nacional pela do o bem conhecido D. Rodrigo, da feira de Agosto, cujos artistas, por serem de trapos, não exigem ordenado para comedorias, nem se intrigam uns a aos outros.

2.º—Restaurar o Saanto Oficio e dar ao edificio a sua antigga applicação, pondo a tormentos todos os os maus autores



e actores, até que se regenerem e fiquem impossibilitados de cometer mais delitos.

3.º—Demolir o edificio e entregar o recinto ao conhecido e emprezario Segurado, para os fins queue tiver por convenientes, mandando o o actual recheio artistico parte para o o Pauliteama de Peras Ruivas, outra parte para o Asilo dos Invalidos.

Ainda outros alvitres o nosso emmente colaborador nos expoz, que não publicamos porque os os que aí ficam já chegam para certas pessoas ficarem como uma bicha.

Suspensão



ZÉ POVÃO:

— D'antes chamavam-lhe *peixe espada*; agora chamam-lhe *garantias*...

PÕ DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 Catarrho — Oppressão
 36 Anos de Bom Exito.
 Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
 8, Rue Dombasle
 PARIS
 UNAS PHARMACIAS

A' VENDA
 Almanaque Ilustrado d'0 SEculo

O Bico de Mamadeira
"ANTI-COLIC"
 (ANTI-COLICA)
 MARCA DE FABRICA



TAMANHO "REGULAR" TAMANHO GRANDE
 (ILUSTRAÇÕES de TAMANHO NATURAL)

NOS ESTADOS UNIDOS
 É USADA POR UM MILHÃO
 DE CRIANÇAS E VENDIDA POR
 25,000 PHARMACEUTICOS

AS RAZÕES PORQUE:

1. É uma mamadeira higienica;
2. É uma mamadeira duradoura. A quantidade de borracha empregada é maior que a usada em quaisquer outras classes e por conseguinte durarao mais.
3. São fabricadas com a melhor qualidade de borracha e não podem injuriar a bôcca da criança.
4. Têm cabeça espherica, o que permite que a creança os sustenha com maior firmeza.
5. Têm tres orificios permitindo a sahida facil do leite ou de qualquer outro alimento e impedindo que se achate, ao mesmo tempo contribuindo para conservar a bôcca da creança pequena e bem formada.

CADA UM DOS NOSSOS BICOS DE MAMADEIRA, MARCA "ANTI-COLIC," (ANTI-COLICA) TEM UM ROTULO COMO O QUE A SEGUIR ILLUSTRAMOS, AO REDOR DO PESCOÇO



TOMEM NOTA DE ESTE ROTULO E NÃO ACCEITEM OUTRO BICO DE MAMADEIRA DIFFERENTE.

FABRICADA em 3 CÔRES
BORRACHA PURA (PRETA)
BRANCA É VERMELHA

EXIJA DO SEU PHARMACEUTICO OS BICOS DE MAMADEIRA

"ANTI-COLICA"

FABRICADO PELA
DAVOL RUBBER CO.
 PROVIDENCE, R. I. (E. U. & A.)

M. me Tula

Tudo esclarece no passado, presente e futuro. Consultas 1\$000, 2\$500 e 5\$000 reis, das 13 às 17. **Campo Grande, 264, 2.** Prata-se por correspondencia enviando 15 centavos para resposta.

Perfumaria
Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



Gorôas
 Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na
Camelia Branca
 L^o D'ABEGOARIA, 30
 (ao Chado) - Telef. 3270

O passado, o presente e o futuro revela-
 mais celebre chi-romante e visionomista da Europa
M. me Brouillard



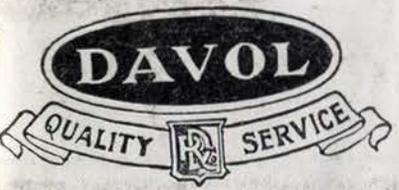
Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lam-brose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (so-bre-loja) — Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 reis.



Seringas para se-nhoras, com prote-ctor de borracha ma-cta e guarda de bor-racha.

Os artigos
 DE
borracha

com a marca



são garantia infalivel de qualidade uniforme e fina.

A Davol Rubber Company estabeleceu-se em 1874 e durante os ultimos 42 anos tornou-se a fabrica mais importante do mundo, no seu ramo.



Bolsas inteiriças para agua quente de borracha do Pa-tá seleccionada: ga-rantidas.

DAVOL RUBBER COMPANY
 Providence, R. I. U. S. A.

ALHOS TIPOGRAFICOS
TODOS OS GENEROS

nas oficinas da **"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"**
 Rua do Seculo, 43 — LISBOA

COLGATE'S TALC POWDER PÓ DE TALCO COLGATE

Substitue com grandes vantagens o pó de arroz

**INDISPENSÁVEL NA HIGIENE
DAS CRIANÇAS E NA TOILETTE DOS ADULTOS**

Encontra-se em todos os bons estabelecimentos que também vendem sabonetes, perfumes, loções, elixires dentífricos, cremes, etc. d'esta acreditada marca americana.

Agentes Geraes

SOCIEDADE LUZO-AMERICANA
DOS ESTABELECIMENTOS

GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, L^{DA}

R. da Prata, 145

Telefone: Central 4096 LISBOA

